

**A artistificação da vida homossexual na literatura gay:
Uma leitura de “O Terceiro travesseiro”.**

Paulo Roberto Souto MAIOR JÚNIOR¹.

paulosoutomaior@yahoo.com.br

Resumo: Este texto parte do romance baseado em fatos reais o que admite lê-lo de modo a perceber quais artimanhas estão inseridas no relacionamento afetivo de dois jovens adolescentes em fins da década de 1980, na cidade de São Paulo, conforme o livro permite perceber. Podemos, portanto, entender como essa história foi vivenciada por personagens que, antes de aportarem na literatura, são sujeitos da história. Os entrecruzamentos presentes no livro convidam a ler os modos de subjetivação destes indivíduos. Para tanto, a narrativa será pincelada através de uma metodologia operada a partir dos aportes teóricos das estéticas da existência investigados por Michel Foucault. É válido notar que por se tratar de um trabalho a ser apresentado num evento do programa de mestrado Literatura e Interculturalidade da UEPB cujo tema é juventudes, este autor-historiador opta mais por um ensaio sobre as configurações do amor na história através da literatura.

Palavras-chave: Subjetividades – Amor – Juventudes.

¹ Aluno do curso de graduação em História na Universidade Federal de Campina Grande. E também monitor do PET (Programa de Extensão Tutorial) do curso de História.

A rua estava calma naquela noite da década de 80 em São Paulo. Lá fora os galhos das árvores balançavam. No quarto, um jovem rapaz parecia lembrar-se de algo muito bom, seus olhos brilhavam e olhava o quarto sem olhar, à meia-luz. Pensava no momento de há pouco com Renato. Seus desejos se externalizaram e desaguaram naquele seu amigo. O risco de ser feliz valeu a pena. Agora era esperar e ver o que aconteceria quando o sol adentrasse lentamente as frestas da janela. Pouco importava, *“adormeci pensando nele”*². Os desejos nascidos na escola, nos jogos de futebol, no roçar das pernas, na fricção dos corpos, nos banhos, no vestuário, suscitaram em realidade. O encontro de há pouco deixava em Marcus o gosto das novas folhas da primavera.

Ao adormecer o outro dia logo chegou. E sobreveio a felicidade. O telefone tocou. Renato queria falar com Marcus. O sanduíche do café da manhã continuou quase inteiro quando a buzina soou. Era Renato, só que dessa vez diferente. Ele vinha buscá-lo, *“era o meu namorado que estava buzinando e não mais meu melhor amigo”*.

Dirigiam-se a uma cachoeira em Mairiporã, talvez tenham passado pela Ponte Santa Inês. Ali, em meio ao pequeno lago que recepcionava a queda-d’água, ao canto dos pássaros, ao verde forte e ao lodo que avançava por sobre as pedras, Renato confessa, *“gosto de você há pelo menos dois anos (...) de tal maneira que, querendo ou não, você já fazia parte da minha vida, mesmo sem saber”*. Marcus acendeu um cigarro e a conversa ganhava contornos de indecisão, imprecisão, dúvidas, confusão. O álcool é convidado para o diálogo, *“até ontem nada de diferente passava pela minha cabeça”, “e hoje?”, “hoje já passa”*. Seria possível iniciar uma atividade de autoformação, de exercitar uma genealogia das práticas de si, de um relacionamento que, veremos, terá o próprio si como escudo ao poder moderno, não um sujeito-substância, mas um sujeito-forma³

Olharam-se e começaram a se beijar lentamente enquanto o barulho da água caindo ecoava pela floresta. Descobrir os corpos, a novidade palpável. Os dedos firmes se tocam, alcançam os lábios, avançam pela coxa. As marcas de saliva se espalham pelo corpo. Cresce o desejo por aquele volume, pela fragmentação daquele pedaço que se expande entre as bocas. Eles agem rápido, depressa, estão enlouquecidos, nus, *“de roupa e de alma”*, sentem um calor diferente atravessar a nuca, aqueles que trazem gemidos obscenos. Acariciam o pescoço um

² Este artigo usará trechos do livro em análise, *O terceiro travesseiro*, inseridos no corpo do texto que aparecerão em itálico e entre aspas.

³ Processo de subjetivação em Michel Foucault. Ver: Ortega, Francisco. Amizade e estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999

do outro, sentem sorrisos transbordarem, se dão ao infinito, se completam ao gozar um no outro, sobre a pedra, com os ventos a movimentar aqueles cabelos louros de Marcus. “Nós estávamos namorando”.

Chega o silêncio e os corpos nus olham para o céu que escurece tornando visíveis as estrelas. “*Você quer ser meu namorado?*”, “*Eu só vou responder se você fizer essa pergunta olhando para mim e não para o céu, Marcus*”. Não havia luz por aqueles lados, as montanhas pareciam sombras de escuridão, penhascos e abismos inalcançáveis. “*Nos abraçamos e fiquei com a cabeça encostada sobre o seu peito por um longo tempo*”. Palavras se despalavam. Há uma língua muda de palavras que só se entendem no silêncio. Uma felicidade inusitada se apossava, a falta que fazia falta se presentificava nos “*cabelos afagados pelo cara que amava*”. Não era preciso dizer nada. O toque singelo dos corpos permite possibilidades de se recriar, reinventar, artificar a vida⁴. “Agora que estamos juntos, nós temos o mundo todo pela frente e ninguém precisa saber o que rola entre a gente”.

É preciso, pois, ser discreto, não comentar, não explicitar, não dar pinta, viver o amor às sombras, mesmo após a Revolução Sexual dos anos 60, temporalidade marcada pelo direito ao prazer - nem todos aderiram de imediato ao ciclo e muitos homens não podiam avançar além da conta -, com as permissivas trazidas com a pílula anticoncepcional, sem Aids “tudo é perigoso/ tudo é divino, maravilhoso”⁵, a contestação aos valores do mundo adulto, o sonho pela vida hippie, a vida estudantil seguia ao ritmo de shows, festas, calouradas nas universidades, pegação no cinema, os beijos de língua, o inovar na cama, boates, clubes, drogas, cigarros, fumaças, motéis eram encontrados com maior frequência, o feminismo ressurgiria, o meio gay, ainda tratado com distanciamento, em 1985 deixava de ser visto como desvio sexual pelo Conselho Federal de Psicologia por muito tempo, ser diferente seria ser anormal. Em época de carnaval, homens se vestiam de mulheres, fora dessa época ocasionavam protestos de setores conservadores da sociedade⁶ orgasmos adentravam

⁴ A consciência coletiva de si nos homossexuais é evidente na passagem do século XIX para o XX. A injúria apresentada no social evidencia a história de um contra-discurso, isto é, se marca a sujeição, marca também a subjetivação. Ver: ERIBON, Didier. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009

⁵ Referência a canção Divino Maravilhoso de Caetano Veloso. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/44718/>

⁶ Ver: GREEN, James N. Além do carnaval. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

vagarosamente na mídia televisiva, nas telenovelas e em seguida nas famílias⁷. Uma descrição que vem da vida real para desaguar na história. A ascese parece falar mais alto que o social quando as duas personagens decidem em comum acordo voar para os terrenos da confissão, desejar uma nova forma de existência⁸. “*O prazer é um passaporte*” e esse casal deseja se formar de modo libertário, livre, emocional.

Este amor deseja ousar dizer o seu nome. “*Eu quero viver com você, Renato*”. Com as mãos unidas na mesa da cozinha, proseiam os obstáculos da empreitada, “*para isso nós precisaríamos abrir o jogo aos nossos pais, e aí a barra pode pesar*”. Tornar-se-ia explícito o que um relacionamento “heterossexual” não precisaria enfrentar. O silêncio seria rompido, fora decidido⁹. Marcus, deitado no sofá, ao som de Ivan Lins fica imaginando: “*Quantos caras deviam sentir o que eu sentia. Mas que, por vergonha ou sei lá o que, preferiam viver uma vida mentirosa (...), sem graça*”. Os pais dos rapazes não desconfiavam de nenhuma relação amorosa entre ambos dado que Renato havia namorado uma garota e sempre eles saiam para festa com garantias de se aventurar com corpos femininos. O que sugere para uma teia de práticas amorosas entre indivíduos do mesmo sexo que tenha se dado ao longo dos tempos, neste caso nos idos dos anos 80.

Naquela noite Marcus se aproximava sorrateiro dos pais. Prestava atenção ao movimento da sala, o pai, a mãe assistindo a TV. Parou diante deles, “*eu preciso falar com vocês. Eu sou homossexual*”. Estava dito, agora, a personagem acreditava, podia-se ser livre, desfrutar da vida como obra de arte. Na obrigação de calar, foi-se dito. Os sonhos poderiam dar lugar aos pesadelos temidos ao pretender expressar com quem e como se é feliz. Semelhante a vida de tantos homossexuais divididos entre a “vontade de dizer e obrigação de calar”(Eribon, 2009). Mais ainda. As injúrias emergem deste conflito, se é confundido com o bizarro, o estranho, o *queer* no sentido mais estrito do termo, “*Meu Deus! Meu filho é uma bicha. Quer ser mulher*”.

⁷ Eclosão cultural marcada no Brasil pela chegada da pílula do dia seguinte, drogas e rock’ and’ roll, músicas de Bob Dylan, vida hippie e especialmente por rupturas nos padrões sexuais e do amor. Del Priore (2011) explicita: “A sexualidade ainda era vivida como um pecado, aos olhos da Igreja, mas um número crescente de católicos começava a acreditar que o amor e o prazer podiam andar juntos”

⁸ As práticas do indivíduo sobre si constituíram o processo da ascese que incite desejos individuais e coletivos. Mediante Cartogra “mediante a introdução do conceito de governo como des-dobra da linha de poder, será possível dobrá-la para dentro, produzindo uma auto-afetação: o si ou a subjetivação” (1997).

⁹ Ver: Maior Júnior, Paulo Roberto Souto. Mãe, você tem algum desgosto de mim? Sobre expressar a homossexualidade para a família. Anais do II Colóquio Internacional de História: Fontes Históricas, Ensino e História da Educação. (2010).

Doía nos pais renunciar ao que haviam planejado para a vida do filho, doía não ser nenhum dos outros da família, doía se habituar a essa guerra sem paz, doía reformar os sonhos, doía aquela garoa nos olhos, doía trocar os projetos, doía aceitar aquele “diferente” desejando ser “igual”, doía essa dor tão simples e extraordinariamente forte de perder o filho, a imagem do menino que seguiria passos lindos e constituiria uma família (nuclear) feliz. O menino afogado nos pensamentos, recebeu tanto dos pais e, de repente, pode lhes tirar tudo.

Na cultura ocidental as subjetividades do armário podem levar à confissão, fingimento, migração para outra cidade, de preferência longe da família. Deseja-se biografar a própria vida, pois, “Somewhere over the rainbow/ Bluebirds fly/ Birds fly over the rainbow/ Why then, oh why can't I?”¹⁰. Uma vida silenciosa precisa ter fim para que outra nasça, reinventada e distante da clandestinidade, da vergonha.

Superar as brincadeiras fantasiosas daquela criança impossibilitada de existir, aquela que se percebe a partir do outro¹¹. “*Todos os dias mexiam comigo na frente de todos. Isso acontecia nos corredores, na sala de aula, no pátio*”, e acabou por se fechar sobre si mesma, administrar seus segredos ou apressar a atividade de Ariadne “*Pai! (...) Não foi por acidente... que a gilete cortou o meu pulso*”. Mas, avultar nessa admissão, traz outro novelo à liberdade, há o armário para os outros lá fora. Sedgwick¹² vai falar de uma característica do armário em outros segmentos da vida social, não sendo, portanto, uma presença formadora.

É necessário tempo. O porvir da revelação é inusitado em muitos casos. Marcus recebeu o apoio dos pais, pelo menos em partes. Os dois seriam capazes de enfrentar muitos obstáculos para viver seu amor, amor à moda heterossexual - mas não somente -, viver juntos, “*nós nascemos um para o outro. Para mim não existe vida sem ele*”. Eis as vidas se dando esperança, se prometendo, plantando grãos que germinariam no futuro, aproveitando de mais momentos juntos, bebendo cerveja e saciando o sempre novo corpo em meio a névoa da madrugada, pouco preocupados em serem úteis para alguém, pois já eram mais importantes um para o outro. Assisti-se ao amante enquanto posse, dos sentimentos ao corpo, pouco

¹⁰ Referência a canção *Somewhere over the rainbow* de H. Y. Harburg. Tradução do trecho: Em algum lugar além do arco-íris/ Os pássaros azuis voam/ E os sonhos/ Que você ousou/ Oh, porque, oh porque eu não posso? Disponível em: <http://letras.terra.com.br/isreal-kamakawiwoole/20655/traducao.html>

¹¹ O processo de reconhecimento do homossexual a partir do olhar do outro é discutido por Castañeda, Marina. *A Experiência Homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo, A Girafa Editora, 2007

¹² Sedgwick, Eve Kosofsky. *A epistemologia do armário*. In: *Cadernos Pagu*, n°: 27, Unicamp: Campinas

acessíveis em cenários territorializados¹³. Os enamorados dos quais falamos têm uma vida a dois controlada a partir de transas com outras garotas na escola, dentre outros fatores não se pode dar pistas e é bastante válido que as personagens sentem desejos heterossexuais constituindo maneiras inovadoras de perceber o mundo.

Uma história de amor baseada num modelo heterossexual – que merece ser discutido mas não constitui objetivo deste breve texto - desdobrada com técnicas de si a cada encontro. Reafirmada nos abraços, no olhar, na perna enroscada debaixo da mesa num jantar de família, de um trânsito engarrafado, do dia-a-dia na escola onde o disfarce é fundamental. Mas também nos presentes de aniversário, de Natal, acompanhados de um recado:

*“ ‘ A bordo de sua vida, me fiz um passageiro eterno’.
Renato, juntos faremos o possível e o impossível
para realizarmos os nossos sonhos.*

*Eu te amo,
Marcus”.*

O quadro deste amor fora pincelado milhares de vezes. Júlio César, Sócrates, Miguel Ângelo, Marcel Proust, André Gide, Lord Byron, Hans Christians Andresen, Sheakspeare, alguns papas dentre vários outros elaboraram suas ascetes através de um amor maldito. Mas amor. Esta ausência que se presentifica, luz matinal avançando sobre as paredes da casa, desejo configurado na relação com o outro e também na falta deste outro, a saudade mais rápida, a fecundação mais intensa, as descobertas reveladoras, o calor presente quando a temperatura baixa e na rua tudo é brisa, muitas vezes se dá tudo e crê receber tão quanto, a companhia alegre no chá das cinco horas, o corpo-encaixe no dark-room da boate, as palavras impulsivas e as interjeições rompendo vagarosamente o silêncio da noite, a intensidade igual as das ondas do mar ao chicotear as pedras, o encontro das nossas faltas, o deslumbramento das nossas invenções, os retalhos das lembranças e de rastros presenteando na história o legar aos enamorados do porvir. Amor. De amor. Do amor. Ao amor. Se amor. Para amor. Com amor... histórias de amor.

¹³ Sobre as novas possibilidades do amor vivido a dois ver: Guattari, Félix. Micropolítica: Cartografias do desejo, 9 ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008

Conte-Sponville¹⁴ nos lembra do amor Eros que para os gregos não é sexo em primeiro lugar, mas especialmente amor. A mitologia coloca Eros não apenas deus da sexualidade, mas também da paixão amorosa. É o amor-paixão vivido por Marcus e Renato. Amor ação com o sexo, como lembrará Michel Foucault. O estilo da maximização do tempo através do ato sexual. Excitação pode vir a todo momento e em *O terceiro travesseiro* é uma palavra recorrente. “*Comecei a correr com a boca pelo seu corpo, deixando saliva em cada pedacinho (...), lambia suas coxas, quando, num movimento brusco, ele me puxou e enfiou o pinto na minha boca (...), esporrando na minha boca*”. O ato sexual está associado à criação de novas práticas, a rapidez do ato se dá pelo curto tempo do encontro com o apaixonado, alguém pode atrapalhar ou arquitetar uma emboscada, deve-se ter cuidado. O sexo é útil no tempo curto e está associado à maneira como a masculinidade foi construída no ocidente. Excluídos de constituir família, ser feliz para sempre, atuar no amor romântico, os homossexuais tecem práticas heterogêneas de lidar com o sexo e com o amor através do curto tempo da transa, da foda, da trepada, de cavalgar, do fazer amor, do sexo, simplesmente¹⁵. Os “laboratórios de experimentação” se dão em múltiplas cartografias urbanas e gozando de uma lâmpada mágica naquele momento onde ambos são o próprio Aladim, como fazem Marcus e Renato com as práticas da chupeta, a chuva prateada, a chuva dourada, o cunete, massagem na parte de trás, engolir a vitamina. Nesse sentido, afastar-se dos ambientes cotidianos é mais convidativo para saciar tais desejos.

Viajar! Poder estar sozinho com o namorado aparece enquanto possibilidade de melhor aproveitar o que a proximidade com a família sugere frear. Nada de réveillon com a família reunida em Jundiaí. Pegando a rodovia dos Trabalhadores, iam para uma pousada entre Boiçucanga e Barra do Sahy. Região de lindo pôr-do-sol, pequenos barcos de pescadores que ainda jogavam as redes mantendo uma tradição antiga daquele lugar. “*Estávamos viajando sozinhos como namorados e, melhor ainda, sem ter de esconder isso dos nossos pais. Essa viagem (...) era uma conquista*” e antes de alcançar o destino pretendido optaram por tomar um café em Riviera de São Lourenço, local mais explorado a partir de 1979, com praias e coqueiros bonitos de um lado e mata verde abundante do outro. A construção meio rústica era vista de longe na estrada. Era aquele o lugar, o formato de ferradura num toque

¹⁴ Ideia de amor paixão ou Éros. Ver: Sponville-Conte, André. O amor. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011

¹⁵ Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. Amores que não têm tempo. Disponível em: http://www.unicamp.br/~aulas/Revista_Aulas_Dossie_06_Foucault_e_as_esteticas_da_existencia.pdf

aconchegante com águas claras e areia branca. O mar calmo permite inúmeros mergulhos. É um mar de verão que faz um ruído sereno.

O amor combina-se com o mar e é destino privilegiado dos românticos. Em fins do século XVII e início do XVIII, o mar era descoberto como fonte de desejos, emoções, lugar de banho, lazer. Ganharia novo status na luta contra a melancolia. Pinturas com cenas de praia sugerem a turistas mergulhar na imensidão daquelas águas que o homem passa a enfrentar com menos perigos. E especialmente os relatos líricos criados para casais de homens e mulheres, bem como assimilado na poesia de Whitman - quando andei sozinho pela praia, banhei-me /nu, das águas frias assisti sorridamente o sol/ surgir”¹⁶. “*Sempre gostei de caminhar pela praia (...). Daquela vez então, era melhor ainda, pois ao meu lado – fazendo bem ao meu coração – caminhava a pessoa mais bonita do mundo: o meu namorado*”. Num barzinho aos goles de caipirinha de vodca com kiwi dialogam e observam a maré baixa ao som do vento e do barulho do mar se chocando, permeada de turistas caminhando ao longo da praia, vendo ondas lançadas e recolhidas pelo oceano, casais de diversas idades e especialmente os mais velhos rememoravam verões passados, os jovens projetavam os próximos com mais intensidade, vendedores de amendoim e ovos de codorna ganhando trocados, lá longe uma embarcação.

“*Vamos ver quem chega primeiro na água?*” Correram mesmo de short e apesar de Marcus ter perdido a corrida chegou na água “*me sentindo um vencedor na vida*”. Mergulhos intensos e com muito fôlego enfrentavam as ondas agora um pouco mais velozes. Ao que parece, sem se importar muito com as pessoas ali, se abraçaram muitas vezes, pressionando com intensidade as costas e os ombros fortes com cheiro de maresia. Abaixo daquele sol forte, empurravam-se cerceados pela alegria dos seus rostos como dois meninos brincando. Simultaneamente, a embarcação fazia movimento regresso, vagarosamente, como se desse adeus. Os acontecimentos marcam na memória um tempo de criação para depois rememorar. Lembrar dos contornos daquele dias, das possibilidades, da estilização do comportamento.

Mas o que vem fazendo este autor? Pergunta um leitor bitolado pela academia, cego no horizonte das possibilidades e fiel à verticalização de regras, métodos e tratados, apreensores da beleza de se amar o que se escreve. Este texto é o que é: um curto ensaio sobre o amor entre dois jovens do mesmo sexo. Fruto de uma história narrada e circunscrita em texto

¹⁶ Whitman, Walt. Folhas da Relva. Martin Claret : São Paulo, 2007

literário. Não desejei, e tampouco ousei, a pretensão da feitura de uma crônica minuciosamente registrada de uma narrativa verídica, de um paradigma indiciário, de almejar dizer a “verdade” como um Sherlock Holmes na história. Quis um passeio, uma pincelada, ouvir diálogos e trazê-los para as Ciências Humanas que não terá importância, senão mudar as formas como vemos o mundo e assimilamos um pouco de felicidade. Quis sentir o fim dos anos 1980, mesmo inquieto pela falta de referências à AIDS no romance em questão, quis fazer mais uma colaboração a historiografia porque como lembra Walter Benjamin, “Alguém na terra está a nossa espera”.

O entrecruzamento desta história permitiu pensar que mesmo em face aos diversos códigos de moral sexual no Ocidente, estes indivíduos criaram subjetividades na busca de seus ideais e que se permitiram ao múltiplo quando se juntaram muito brevemente a uma jovem, num relacionamento triplo, mostrando a força do devir quando à realidade se liga o desejo, quando se ousa na criação de novos modos de vida, processo sempre em vias de se (re)fazer através de um devir estético, mas também ético, para gerir um vida ao lado de uma operação do artístico num ser erótico.